

Trajétória de formação de professores: narrativas de memória

Teacher training trajectory: memory narratives

Trayectoria de formación del profesorado: relatos de la memoria

*Jairo Luis Fleck Falcão¹
Erika Maisa dos Santos Padovan²*



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe16162>

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as narrativas de trajetória de vida e formação dos professores da cidade de Novo Horizonte do Norte – MT, no sentido do que essa trajetória contribuiu para a construção e reconstrução dos saberes docentes e a constituição da identidade. O interesse sobre a temática deve-se às vivências como estudante da educação básica e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, momento em que refletimos sobre a diversidade de metodologias e didáticas observadas na sala de aula e que tem relação com a formação docente. Neste sentido, as narrativas de professores sobre seus processos de desenvolvimento profissional, perpassam pelas memórias de sua formação inicial e contínua. Quando essas memórias são passadas adiante em conversas formais ou informais, podem influenciar na construção da identidade profissional dos novos educadores. Para a realização do presente estudo, utilizamos-nos da pesquisa bibliográfica, que possibilitou análise e discussão das contribuições advindas das narrativas orais realizadas com o uso da metodologia da História Oral. Foi de grande importância reconhecer que as narrativas orais no contexto da formação de professores e no decorrer de suas práticas pedagógicas tem o potencial de transformar e potencializar a forma como se dá cada um destes processos.

Palavras-chave: Narrativas Oraís. Formação de Professores. Práticas Pedagógicas.

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9251108143489074>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0273-2331>. Contato: jairofalcao@unemat.br

² Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8406444301294250>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9631-8134>. Contato: erikamaisapadovan@hotmail.com

Abstract: This article aims to analyze the narratives of the life trajectory and training of teachers in the city of Novo Horizonte do Norte - MT, in the sense that this trajectory contributed to the construction and reconstruction of teaching knowledge and the constitution of identity. The interest in the subject is due to the experiences as a student of basic education and scholarship holder of the Institutional Program of Scholarships for Teaching Initiation - PIBID, moment in which we reflect on the diversity of methodologies and didactics observed in the classroom and that is related to teacher training. In this sense, the teachers' narratives about their professional development processes permeate the memories of their initial and continuous training. When these memories are passed on in formal or informal conversations, they can influence the construction of the professional identity of new educators. To carry out this study, we used bibliographical research, which enabled analysis and discussion of the contributions arising from oral narratives carried out using the methodology of Oral History. It was of great importance to recognize that oral narratives in the context of teacher training and in the course of their pedagogical practices have the potential to transform and enhance the way each of these processes takes place.

Keywords: Oral Narratives. Teacher training. Pedagogical practices.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar las narrativas de la trayectoria de vida y formación de profesores en la ciudad de Novo Horizonte do Norte - MT, en el sentido de lo que esta trayectoria ha aportado a la construcción y reconstrucción del saber docente y a la constitución de la identidad. Mi interés en este tema proviene de mis experiencias como estudiante de educación básica y becaria del Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Enseñanza - PIBID, en las cuales reflexionamos sobre la diversidad de metodologías y didácticas observadas en el aula y que se relacionan con la formación docente. En este sentido, las narrativas de los profesores sobre sus procesos de desarrollo profesional incluyen memorias de su formación inicial y continua. Cuando estos recuerdos se transmiten en conversaciones formales o informales, pueden influir en la construcción de la identidad profesional de los nuevos educadores. Para llevar a cabo este estudio, utilizamos la investigación bibliográfica, que nos permitió analizar y discutir las aportaciones realizadas por las narraciones orales utilizando la metodología de la historia oral. Fue muy importante reconocer que las narrativas orales en el contexto de la formación de profesores y en el curso de sus prácticas de enseñanza tienen el potencial de transformar y mejorar la forma en que cada uno de estos procesos tiene lugar.

Palabras clave: Narrativas orales. Formación del Profesorado. Prácticas pedagógicas.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as narrativas de trajetória de vida e formação dos professores da cidade de Novo Horizonte do Norte – MT, no sentido do que essa trajetória contribuiu para a construção e reconstrução dos saberes docentes e a constituição da identidade desses profissionais. Dessa forma, este trabalho de pesquisa permite analisar se as narrativas orais potencializam os processos formativos de professores e de que forma podem auxiliar e enriquecer as práticas pedagógicas vivenciadas ao longo do trabalho docente.

O interesse em pesquisar sobre esse tema deve-se às vivências como estudante da educação básica e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID e das reflexões realizadas no âmbito do Programa de bolsa de Iniciação a Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso, no Projeto de Pesquisa Fronteira, Territorialidade e Cultura: O Vale do Arinos na Memória de seus habitantes e teve o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Mato Grosso – FAPEMAT. A partir dessas reflexões sobre o processo educacional em questão, podemos



perceber que os professores possuem metodologias e didática diferentes ao longo de seu trabalho docente e inferimos que estas práticas didáticas e metodológicas têm relação direta a sua formação, que engloba aspectos como ano de ingresso e finalização do curso, instituição que cursou, assim como a experiência no âmbito escolar e de sua trajetória de vida.

No campo de formação de professores, as narrativas sobre seus processos de desenvolvimento profissional, perpassam pelas memórias de sua formação inicial e contínua, que ocorrem após a graduação. Quando essas memórias são passadas adiante em conversas formais ou informais, acabam por influenciar na construção da identidade profissional dos novos educadores. Para a realização do presente estudo, utilizamo-nos da pesquisa bibliográfica, que nos possibilitou o desenvolvimento desta investigação, partindo da análise e discussão das contribuições advindas também de estudos sobre o uso da metodologia da História Oral, cujas técnicas de coleta/produção de informações são definidas por Alberti (2005), bem como de entrevista com 03 (três) professores que lecionam no Ensino Fundamental na Rede Municipal de Ensino de Novo Horizonte do Norte – MT, buscou-se compreender a formação que eles obtiveram e quais os conceitos que a formação acarretou em sua vida profissional.

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, constituindo-se de grande importância em reconhecer que o acesso oral ou escrito às narrativas formativas de docentes permite aos futuros professores estudar aspectos relevantes acerca da construção de sua própria identidade docente. Ao ler ou ouvir os relatos dos mais experientes, apropriam-se de boas práticas em um processo eminentemente formativo, de autoimagem (Arroyo, 2002).

Como aponta Falcão (2020, p. 44) a formação de professores é uma responsabilidade compartilhada pela escola, “comunidade dos professores e não somente dos formadores de professores, pode ter seu fundamento na reflexão, que assumem as preocupações dos próprios professores, narradas em ambientes da escola”.

Neste sentido, este estudo possibilita vislumbrar, por meio das narrativas de memória, os processos pelos quais os professores foram formados, as correntes teórico-práticas que os influenciaram em suas didáticas e metodologias de sala de aula, contribuindo dessa maneira para a formação acadêmica e profissional dos futuros professores. Como aponta Oliveira; Silva,

esse método depende da formação própria dos indivíduos, suas peculiaridades experimentadas e aspectos de formação humana. Assim, potencializamos a narrativa sobre nós como método de pesquisa, bem como método de formação. Dessa forma, ao narrarmos contextos, fatos e



situações podemos promover uma ressignificação da experiência (Oliveira; Silva, 2023, p. 6).

Como método de investigação, seu potencial coloca os professores no centro do processo, podendo também promover mudanças nas práticas pedagógicas da escola, onde traremos com mais detalhes as contribuições das narrativas orais para o trabalho docente em sala de aula. Nesta perspectiva, a trajetória de vida não determina, mas representa uma importante condição do contexto no qual o futuro profissional retira o material para a construção da sua maneira pessoal de lidar com a profissão.

Portanto, nos questionamos: De que forma as experiências de vida, a trajetória escolar, a formação acadêmica profissional e o exercício da profissão docente podem contribuir para a construção e reconstrução do saber docente? Que contribuições a trajetória de vida e formação dos professores da cidade de Novo Horizonte do Norte contribuem para a construção e reconstrução dos saberes docentes e a constituição da identidade desses profissionais?

Para um melhor entendimento do presente tema de pesquisa, este trabalho está dividido da seguinte maneira: Na Introdução apresentamos os objetivos, a problemática e a abordagem metodológica da pesquisa. Na segunda seção, intitulado Narrativas Oraís: conceito e história, trazemos um breve histórico das narrativas orais, conceituando-a; na seção três, Narrativas Oraís na Formação de Professores, tratamos das contribuições das narrativas orais no processo de formação de professores. Na quarta seção, Narrativas de Formação: Memória, apresentamos os resultados e análise e interpretação dos dados e, por fim, nas Considerações Finais, apresentamos algumas respostas a problemática da pesquisa.

2. NARRATIVAS ORAIS: CONCEITO E HISTÓRIA

Compreendemos que narrativa é um conceito abrangente, de múltiplos objetos de estudo, bem como pontos de análise. De acordo com Lopes de Oliveira; Vieira (2006), entre os objetos, podemos citar estruturas textuais, trocas interativas, bem como situações de comunicação entre as pessoas, convenções socioculturais e relatos autobiográficos.

No decorrer das últimas décadas, tem crescido de maneira significativa certo interesse investigativo acerca das narrativas. Neste sentido, as narrativas podem ser abordadas nas pesquisas seja como objeto de estudo ou parte da metodologia empregada na investigação científica.



Percebemos que as narrativas possuem dentre suas características principais o fato de serem canalizadoras de experiências, organização da memória coletiva, bem como contribui para que se registre e construa a história social de comunidades e sociedades, bem como integra a própria cena biográfica do narrador. Seguindo esta linha de pensamento, temos que a atividade narrativa é simultaneamente pessoal, interpessoal e ainda, social.

Partindo desta concepção que se justifica o recurso a diferentes orientações epistemológicas quando se trata de narrativas. De acordo com Bakhtin (1989, 1997; Brait, 2005), são algumas das vertentes do pensamento psicológico aderidas, com a intenção de compor um cenário que oriente a abordagem complexa do fenômeno, a psicologia cognitiva, a psicologia histórico-cultural, bem como a psicanálise, a análise constitui-se enquanto um gênero discursivo, no sentido que Bakhtin (1997) confere ao termo.

As narrativas agem como aquilo que mescla intersubjetivamente imaginação poética, história, eventos, mitos e experiências pessoais na forma de enredos que se mostrem coerentes, contribuindo para que se forme a identidade de um grupo ou de uma pessoa. Desta forma, as narrativas traduzem a forma de organização coletiva de um grupo em determinado tempo; refletindo tanto no plano social quanto no pessoal, suas motivações, suas intencionalidades e aspirações individuais. Tal prática permite difundir certos efeitos na sociedade, de acordo com quem narra, o contexto em que a narrativa se insere e o que se considera através dela.

Neste sentido, a narrativa compreende duas faces em sua composição, sendo elas a subjetividade e a sociabilidade. Ao mesmo tempo em que as narrativas trazem contextos sociais em sua forma, carregam ainda posicionamentos pessoais e dinâmicas interpessoais. Ao narrar em primeira pessoa textos sociais, estes por si trazem em seu discurso algo de subjetividade. A atividade narrativa sempre carrega em si esta subjetividade, mesmo se tratando de textos sociais, de algo da sociedade. Bamberg (1996) elucida que o ato de narrar é, também, um ato moral, pois demanda do narrador assumir uma postura, uma perspectiva pessoal diante o que o outro mostra e da realidade do outro, assumindo uma postura a este cenário e a respeito do próprio conteúdo narrado.

Entretanto, as formas de se converter a memória em narrativas diferem de um grupo para o outro, de uma classe social para outra, uma vez que se apresenta de acordo com o processo histórico e com os jogos de poder que mediam a relação entre os subgrupos de uma comunidade. Sobre isto, a obra de Burke e Porter (1997) traz, além de outros assuntos, acerca da distribuição social do direito à enunciação, da fala, e a forma



como tal prática se estabelece no meio social, caracterizando a relação que se faz presente entre a experiência e o uso social da linguagem pelas pessoas e grupos.

A História Oral é um método utilizado por pesquisadores que pretendem investigar e comparar práticas educacionais já utilizadas com as atuais. Segundo Garnica (2003, p. 65) tal prática constitui-se “visando construir um novo pensamento, uma nova prática, um novo método, a partir das tessituras históricas das narrativas”.

Thompson (1998, p. 17) afirma que a História Oral “oferece uma fonte semelhante à autobiografia publicada em alcance maior, deixando a realidade complexa e multifacetada”; ou seja, em uma maior amplitude do que a maioria das fontes, permitindo a recriação da multiplicidade original de pontos de vista.

De acordo com Meihy (2007, p. 13), História Oral é “um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação”. Neste sentido, as narrativas orais não se constituem apenas de um ato isolado, não é apenas uma entrevista, mas

[...] um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento de condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meihy, 2007, p. 15).

Portanto, a viabilidade da utilização das narrativas orais a fim de promovermos estudos sobre experiências docentes, pois propicia acesso às narrativas do que o sujeito-professor narrou da sua própria vivência e experiência, a partir de suas memórias. Em suma, as narrativas orais se constituem de um “termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação” (Queiroz, 1988, p. 5), o que se constitui de grande valia para compreendermos suas possibilidades dentro da formação de professores e sua aplicabilidade e característica potencializadora das práticas pedagógicas.

3. NARRATIVAS ORAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nesta seção serão abordadas as contribuições das narrativas orais no processo de formação de professores, bem como trataremos uma análise das narrativas de memória pesquisadas.

Ao estudarmos narrativas de formação, identificamos a dupla utilização da abordagem (auto) biográfica:



[...] por um lado ela permite identificar as características seguidas pelos formadores (uma categoria profissional que ainda não está institucionalizada) na sua própria dinâmica de formação e na aquisição de competências técnicas específicas à função que desempenham; por outro lado, ela facilita a definição dos saberes e das formações mais necessárias para o exercício da função de formador (Nóvoa; Finger, 2010, p. 26).

Sobre isto, temos que a narrativa, como uma forma de descrever as relações pessoais vividas por seu autor, permite que o mesmo tenha um maior conhecimento sobre si próprio, refletindo sobre como suas atitudes afetam o próximo e o meio em que ele se encontra, assim como passe a ter um maior conhecimento sobre seus limites pessoais e possa redefinir modos de agir.

Desta forma, a narrativa vem potencializar um processo de reflexão pedagógica que permite aos seus autores compreender causas e possíveis consequências de suas ações ou de acontecimentos ou circunstâncias de um passado remoto ou recente e, se for o caso, criar novas estratégias a partir de um processo de reflexão, ação e nova reflexão.

Para Reis (2008, p. 18):

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação. Desta forma, explicitam os conhecimentos pedagógicos construídos através das suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e eventual reformulação. A redação de relatos sobre as suas experiências pedagógicas constitui, por si só, um forte processo de desenvolvimento pessoal e profissional ao desencadear, entre outros aspectos: a) o questionamento das suas competências e das suas ações; b) a tomada de consciência do que sabem e do que necessitam de aprender; c) o desejo de mudança; e d) o estabelecimento de compromissos e a definição de metas a atingir.

Assim, a narrativa estimula um processo de reflexão pedagógica que permite aos seus autores compreender suas atitudes ações e consequências dos seus atos, de um passado distante ou recente, podendo analisar seus acertos e seus erros criando estratégias a partir desse momento de reflexão.

Compreendemos que o desenvolvimento profissional do professor, construído como uma metodologia reflexiva e crítica sobre o método educativo, na apropriação da leitura e escrita, na medida em que se necessita de ideias mais apuradas, requer que se utilize de uma escrita com palavras simples e de fácil compreensão, dando a oportunidade de outras pessoas compreenderem suas ideias e pensamentos, sem demais complicações.

Temos assim a escrita enquanto uma atividade que envolve produção e interpretação, adotando um papel central em qualquer processo educativo, uma vez que



movimenta conceitos e sistemas teóricos, tornando possível ao professor com suas narrativas de vida assumir um papel de autor protagonista ao produzir seus próprios textos.

A utilização da escrita como recurso na formação de professores se produz por meio de diferentes tipos de registro, como as autobiografias ou histórias de vida escolar, narrativas de professores, ou ainda o trabalho etnográfico da sala de aula e casos de ensino e reflexão sobre o que chamamos de episódios marcantes.

Contudo, existem professores com dificuldades intrínsecas no processo da escrita. Segundo Freitas (2006, p. 44) podemos afirmar que:

Escrever é difícil. É muitas vezes difícil colocar ideias no papel, ainda que pareçam claras e coerentes quando pensadas ou faladas de antemão. Existem lacunas em nossos argumentos e achamos que alguns conceitos são muito vagos, quando novas conexões e implicações surgem na mente. Essas dificuldades aparecem pelo fato que a escrita não é apenas sobre a comunicação de um resultado definitivo de uma análise, mas é propriamente uma forma de análise. Ela é a continuação de um processo de análise sobre uma restrição mais estreita, porque nossos pensamentos interiores têm que receber aparência e forma. Apesar de podermos vê-los como temporários, eles se tornam nosso 'produto' no senso material, e este pode ser examinado por outras pessoas. Essas genuínas dificuldades são sintomas do fato de que a escrita oferece um novo tipo de profundidade às nossas reflexões e pesquisas.

Vimos que o autor assevera que as causas das dificuldades enfrentadas pelos professores é que durante a formação profissional encontram-se poucas e/ou insuficientes situações que apresentem a necessidade de escrita. Resultando em muitas conversas vagas e sem coerência pois não se consegue organizar os pensamentos em frases.

Galvão (1998) considera importante distinguir o fenômeno que ocorre na aula ou durante a aula, como por exemplo, como a história e a forma com que esta é relatada, como por narrativas. O evento de os professores contarem suas histórias acarreta em reflexões e trocas de experiências importantes para a construção e para o desenvolvimento profissional docente, o que é de grande valia. Tal contexto abrange situações que fazem lembrar as emoções negativas ou positivas para o sujeito que as vivenciou e algumas representam momentos cruciais para mudanças, alterações e potencializações de sua prática docente.

Portanto, como aponta Oliveira (2011, p. 289) “na área de formação de professores, as narrativas sobre processos de desenvolvimento profissional têm sido tomadas como atividades de formação inicial e contínua, práticas de pesquisa e de intervenção”. Destacamos que essas três formas de narrativas estão imbricadas no que podemos considerar narrativa como prática de formação.

A narrativa como prática de formação passa a constituir-se de uma forte ação mediadora no desenvolvimento profissional do professor, tornando-se um grande elemento de reflexão para as práticas e atividades futuras, ajudando a tornar mínima a aflição que se coloca nos profissionais da educação, sobretudo quando se inicia a profissão docente, tornando essencial o papel da autoformação no que se refere aos professores produzirem conhecimento e partilhar o conhecimento produzido por outros grupos. Nesta perspectiva, Falcão (2020, p. 44) aponta “a necessidade dos professores darem cientificidade a seus estudos na formação contínua, [...] por meio de suas narrativas, [...] podem produzir material científico, que consolide assim suas ideias e fortaleça sua autonomia”.

Acreditamos ser uma prática de formação reorganizarmos as experiências e memórias que foram marcantes na vida de um professor. Segundo Lortie (1975) diferentes autores têm discutido o quanto os professores podem ser influenciados por modelos docentes com os quais conviveram durante sua trajetória escolar. Segundo ele, a formação profissional docente inicia-se desde os primeiros anos de escolarização, já em contato com diferentes modelos docentes, tomando conhecimento e se apropriando de uma caracterização pedagógica ao longo de sua trajetória escolar. Ressalta ainda que nem sempre estas configurações didático-pedagógicas são tomadas como objeto de reflexão.

Enquanto uma experiência formativa, muitas das narrativas de professores trazem memórias e vivências de docentes que acabaram por influenciar até mesmo na escolha da profissão. Vimos que as narrativas sobre situações, tais como as primeiras experiências de ensino de conteúdo específicos, sobre o uso de recursos como filmes, acesso ao uso da informática, realização de diversas experiências, projetos, dentre outros, acabam colocando os futuros professores em um cenário onde nem tudo é certo, cabendo espaço para a invenção, a inovação. Neste sentido, Bondía (2002, p. 21) afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Como um dos vários tipos de narrativas, temos os casos de ensino, onde expressam experiências vivenciadas pelos professores, demonstrando a complexidade e os conflitos da prática docente. Tal modelo de narrativa têm sido utilizados como estratégias de formação docente. Segundo Mizukami (2005), os casos de ensino são



ferramentas de grande valia para a formação docente, uma vez que propiciam exemplos de situações e dilemas e de como os professores podem lidar com tais episódios.

Mizukami (2005, p. 10), ressalta ainda que não se aprende a partir da experiência, mas pensando sobre a experiência. Desta forma, “A utilização de casos de ensino como uma unidade de análise reflexiva ajudaria na organização do processo de reflexão”.

A reflexão sobre as práticas formativas e atuação dos professores favorece a procura por resolver problemas cotidianos e compartilhamento de experiências e ideias, numa interação teoria/prática, a análise, estudo e elaboração de casos de ensino. O professor é aquele cuja docência se constrói sobre os saberes do conhecimento específico, da Pedagogia e da experiência, os saberes que o professor possui são construídos muito antes de se assumir as atividades de ensino, ou seja, o que se pode perceber é que o professor inicia a construção de sua identidade profissional a partir das experiências que teve como aluno. Isso faz com que reelabore suas experiências transformando-as em saberes que serão mobilizados no decorrer de sua prática:

A identidade profissional constrói-se pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor (Pimenta; Anastasiou, 2002, p. 77).

Ao refletir sobre a identidade docente, compreendemos que será sempre um processo contínuo de aprendizagem, sendo experiência adquiridas em sala, de troca de experiência com outros profissionais da educação, ou por conhecimentos teóricos, palestras, eventos entre outros. A identidade do professor pode ser entendida como única e ao mesmo tempo diversa, ou seja, constituída pela identidade pessoal e pela identidade profissional.

Sendo assim, ela se define no bom senso entre as características pessoais e profissionais e vai sendo composta nas afinidades sociais que se estabelecem com os alunos, com as famílias, que de alguma forma contribui a construção da identidade desse professor no processo ao decorrer de sua vida, construindo assim referenciais teóricos que fundamentam suas ações.

Sobre os saberes docentes, Tardif (2002, p. 11) assevera que:

o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares, etc.

Os saberes que o professor tem são adquiridos muito antes de lecionar em uma sala de aula, ou seja, parte da suas vivências ainda como aluno ao observar as

metodologias usadas pelos seus professores no decorrer da sua vida escolar. Isso faz com que durante a sua atuação como docente faça uma filtragem de como ele quer ser e em qual profissional ele irá se inspirar, construindo assim sua identidade profissional. De acordo com Pimenta (2002, p. 19):

A identidade é construída a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias.

Por isso, é essencial estudar os saberes relacionando-os com os elementos indispensáveis da identidade do professor e, conseqüentemente, do trabalho docente, levando em conta suas tradições e analisando suas inovações na construção de suas práticas pedagógica. Segundo Tardif (2002, p. 228), “os professores de profissão possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidiana”.

O professor, em seu dia a dia fora do âmbito escolar, está sempre interagindo com seus saberes profissionais para resolver situações do seu cotidiano, dadas as circunstâncias e contextos de e para o seu aprendizado profissional. Tais experiências possibilitam-lhe construir conjuntos de saberes sobre cada um, os quais dirigem suas práticas. É imprescindível atender a que esses saberes que têm por fonte sua experiência são influenciados pela coordenação institucional e que esta, ocasionalmente, colabora, por suas ações e normas (currículos, programas, planos etc.), para diferenciá-lo entre os saberes da própria experiência enquanto professores e os saberes obtidos em sua formação inicial ou continuada. Nesse sentido, podemos reconhecer o professor como sujeito de fazeres e saberes, estes de menção sobre suas próprias ações e pensamentos.

4. NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: MEMÓRIA

Nesta seção apresentamos os resultados da pesquisa com professores da rede pública de Novo Horizonte do Norte, por meio das narrativas de memória, tendo como referencial a Metodologia da História Oral, com base na análise descritiva, articulando com os autores que discutem o tema.



4.1 Metodologia da História Oral

A presente pesquisa tem como referencial metodológico a História Oral que surgiu com a criação do gravador e passou a ser utilizada em larga escala no Brasil a partir da década de 1990 (Cpdoc, 2015; Alberti, Fernandes e Ferreira, 2000). Deste modo, o trabalho com a história oral “consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa” (Alberti, 2003, p. 1).

Neste sentido, percebe-se o intuito dar escuta atenta e sensível aos profissionais da educação sobre sua condição de vida, trabalho e formação, a partir de suas memórias por meio da narrativa.

A metodologia da História Oral é um instrumento de acesso a informações e produção de conhecimento, sobretudo, no que diz respeito a produção do conhecimento histórico, partindo da articulação entre a memória, tempo, percepções de experiências e vivências. Assim, ao ser introduzido nessa metodologia o entrevistado traz a sua realidade de forma espontânea e dessa maneira, contribui com a produção de novas perspectivas para o futuro. A utilização da metodologia da História Oral é essencial, pois muitas vezes apenas documentos escritos não são suficientes para um investigador obter êxito, veracidade e detalhes em seus trabalhos. Aqui, buscamos evidenciar a evolução dessa metodologia, que se torna de extrema importância pois desenvolve parte da historiografia contemporânea.

Sendo assim, a presente pesquisa, utilizando-se destas narrativas de memória, pode vincular a oralidade à memória e o tempo, no intuito de registrar vivências e experiências na área da educação, sobretudo na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. De acordo com Beltrão; Gonzaga; Barbosa (2012, p. 335):

Podemos falar em um tempo sobre outro tempo, permitindo os registros de testemunhos e interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, ressignificadas pelas emoções do hoje. Assim como da possibilidade de um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – o tempo passado e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – o tempo presente.

Neste sentido, defendemos que compreender a experiência dos professores implica colocar-se ao lado deste profissional, dialogando com sua experiência, para, através de uma indagação colaborativa, dar a este o lugar apropriado nesse contexto de ressignificação.

O uso da metodologia da História Oral tende a registrar todas as lembranças em que o entrevistado dispõe a compartilhar com a comunidade, sendo assim as lembranças



se tornam um conteúdo mais rico em detalhes e estará sempre disponível a estudos. A História Oral pode ser entendida como

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (Alberti, 1989, p. 52).

A escrita e as narrativas orais são métodos diferentes porém se complementam mutuamente. As fontes orais não são meras sustentações para um trabalho escrito tradicionais, pois são diferentes em sua constituição interna e utilidade essenciais para os conhecimentos específicos e detalhados para a pesquisa.

As narrativas de memória são a base da História Oral e por meio deste instrumento temos acesso a informações e percepções de experiências e vivências, por isso a grande importância para o desenvolvimento da pesquisa, abrangendo aspectos da história de vida, das experiências e trajetória no universo individual e coletivo da memória dos professores. Por isso, Guimarães Neto (2005, p. 150) destaca que “as narrativas assinalam as práticas de espaço que tornam referências fundamentais, indicativas para a produção discursiva do passado, entendendo que todo relato de memória é um relato de percurso”.

O trabalho de campo é o que permite a coleta de dados. Os caminhos dessa investigação pressupõem uma pesquisa bibliográfica, com a seleção, leitura e fichamento de livros, artigos, teses, dissertações e monografias e pesquisa de campo, com uso da metodologia da História Oral, cujas técnicas de coleta/produção de informações definidas por Alberti (2005) constituem a entrevista com os professores da educação básica.

Para Goodson (1995)

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo (Goodson, 1995, p. 75).

Conforme Alberti (2003, p. 1)

O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa.

Sendo assim, pesquisa empírica é a dedicada ao tratamento da "face empírica e factual da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e factual" (Demo, 2000, p. 21).

Corroborando com Demo (1994), Deslandes (2007, p. 79) afirma:

A análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não têm finalidade de contar opiniões ou pessoas. Seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende pesquisar.

Desta forma, a pesquisa qualitativa visa compreender a realidade dos fatos ocorridos, por meio da análise das informações coletadas.

O desenvolvimento deste trabalho se deu junto à Escola Municipal de Novo Horizonte do Norte – MT. Os sujeitos pesquisados foram 03 (três) professores da Educação Infantil, cujo foco foi compreender a formação que eles obtiveram e quais os conceitos que a formação acarretou em sua vida profissional.

Como instrumento de coleta de dados utilizamo-nos do levantamento documental que segundo Ludke e André (1986) é a forma de abordagem que consiste na pesquisa de materiais escritos. Este método é importante e pode ser utilizado juntamente com os outros tipos de análises. Na tentativa de responder nossas inquietações realizamos entrevistas com professores, a partir de um roteiro de entrevista, utilizando-nos da metodologia da História Oral, que de acordo com Alberti (2005, p.155):

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

O material recolhido e analisado será utilizado para validar evidências de outras fontes ou acrescentar informações.

A presente pesquisa foi desenvolvida com o professor Vanildo, a professora Abigail e a professora Adriana, professores da Rede Municipal de Ensino do município de Novo Horizonte do Norte – MT, todos com formação em Licenciatura Plena em Pedagogia, obtidas suas narrativas de memória através de entrevista gravadas. As entrevistas foram concedidas aos autores no âmbito do projeto Fronteira, Territorialidade e Cultura: O Vale do Arinos na memória de seus habitantes, foram tratadas conforme preconiza a Metodologia da História Oral, transcritas, revisadas e submetidas as questões éticas na pesquisa com a autorização do uso do nome, da imagem e som e estão sob a guarda do Laboratório de Memória, Imagem e Som – Lamis do Museu do Vale do Arinos.

Professor Vanildo Ferreira Esperidião 33 (trinta e três) anos de idade, filho de José Esperidião Filho e Geni Ferreira Esperidião, é natural do município vizinho, Juara – MT, tendo se mudado para este município de Novo Horizonte do Norte – MT logo em seguida, onde reside até hoje, graduado em Pedagogia com pós-graduação em Educação Infantil, é casado a 11 (onze) anos com 01 (um) filho de 6 (seis) anos de idade.



Quando criança, não teve a oportunidade cursar a educação infantil, frequentar uma creche, uma vez que morava na zona rural do município, num sítio. Iniciou e concluiu o Ensino Fundamental numa escola desta mesma localidade. Como na zona rural não era ofertado o Ensino Médio, mudou-se para a cidade, para cursar, morando na casa de parentes durante este período do ensino médio.

Professora Abigail Barbosa dos Santos Tenório, 48 (quarenta e oito) anos de idade, filha de Otacílio José dos Santos e Aínda Mendes Barbosa dos Santos, é oriunda do Mato Grosso do Sul, casada e com 2 (dois) filhos, ambos já casados, veio de uma família humilde, mas que tinha sempre um sonho de trabalhar, de estudar, de ser independente daquela situação em que viviam. Antes dos 18 (dezoito) anos não foi possível ingressar numa faculdade; terminou o Ensino Médio com o Magistério e logo em seguida já se casou, depois de se casar conseguiu cursar a graduação em Letras e continuou trabalhando, mudou-se depois para Mato Grosso onde curso Licenciatura em Pedagogia e fez pós-graduação em Psicopedagogia, continua trabalhando até hoje na docência.

Professora Adriana Marcheti de Azevedo, 37 (trinta e sete) anos de idade, filha de João de Oliveira Azevedo e Inês Marcheti de Azevedo, casada e com 2 (dois) filhos, fez o ensino médio juntamente com o magistério, em seguida ingressou no ensino superior, possui pós-graduação em Educação Especial, é professora já há quinze anos, lecionando na educação infantil nos últimos dez anos, sendo natural de Porto dos Gaúchos – MT, município vizinho.

4.2 Formação de Professores

Temos como objeto de estudos das narrativas as experiências vividas, de acordo com Clandinin e Connelly (2011), uma vez que a vida é preenchida de fragmentos narrativos que compõem toda esta experiência, em diferentes momentos históricos, tempos e espaço. Os professores entrevistados lembram-se com muito carinho da infância que tiveram e de como era difícil para se concluir o ensino naquela época.

A professora Abigail nos relata a respeito de sua trajetória enquanto estudante, desde as séries iniciais pontuou que em relação aos estudos tudo era muito diferente,

Havia bem mais responsabilidade por parte do aluno; quando com 06 (seis) anos de idade fui para a escola já sabia escrever meu nome, já queria aprender a ler e naquela época eu não tinha as condições financeiras que a maioria das crianças tem hoje onde parece que já tem tudo pronto.

Em relação às séries iniciais ela ressalta:

Era tudo muito cobrado em casa o que se fazia em sala, tinha que se ler para os pais, olhava-se o caderno, iam a escola para procurar saber como os alunos



estavam e questões de brigas, bagunça, não poderia haver de forma alguma. Eu era uma privilegiada por estar numa cidade pequena e ter o prazer de estudar com a mesma turma desde a alfabetização até a oitava série na conclusão do ensino fundamental; tudo sempre com muita responsabilidade, o objetivo era passar para a série seguinte – a questão da reprovação era motivo de sarro quando do retorno à escola para cursar a mesma série.

Ela construía a história de vida ali já nas séries iniciais. Ressalta que “o reprovar não poderia existir nas séries iniciais na vida de uma criança”. O Ensino Médio que cursou foi de Magistério.

O professor Vanildo, estudou o ensino fundamental na escola do campo e o ensino médio como não era ofertado na mesma, ele passou a estudar na escola da cidade também nos relata que a educação daquela época era bem diferente dos dias atuais: “as coisas mudaram, estão bem diferentes hoje em dia, em vários aspectos”, entretanto tem belas recordações da sua educação básica já que teve o privilégio, segundo ele, de estudar com parentes “tive enquanto professores parte do ensino fundamental minha cunhada ,e parte do ensino médio, meu cunhado”.

A professora Adriana a se lembrar do seu tempo de colégio se emociona, a respeito dos anos iniciais de sua escolarização, que não foram muito simples, relembra que sua mãe era sua professora;

Foi um período um tanto quanto complicado, uma vez que estudei a 1ª série com a minha mãe, não tendo facilidade em aceitar que outros alunos estudassem com ela nunca fui um a “aluna ótima, mas sim média”; gostava muito de Língua Portuguesa e Inglesa, menos matemática.

Professora Adriana estudou ainda em escola do campo, quando criança, onde percorria cerca de 5 km a pé até a escola. Analisando esse fato a professora nos diz “esses 5 km andados todos os dias me fez ser o que sou hoje”. Assim, como afirma Josso (2004, p. 48):

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste contínuo temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe a nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis as nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural.

Falar a sua própria história sobre tudo é um processo de autoconhecimento e auto formação pois o sujeito avalia suas decisões, compreende os erros e busca caminhos para melhoria da sua vida social tanto como a profissional.

Nos relatos da professora Abigail vimos que um dos sonhos que ela tinha era de ser uma professora, pois na época era uma profissão que tinha muito prestígio perante a

sociedade, visto que ela sempre foi uma aluna esforçada com sede de aprender cada dia mais.

Terminei o Ensino Médio e logo em seguida já comecei a trabalhar na área da educação, o ensino médio que cursei foi de Magistério e consegui com este trabalho saciar aquela vontade que tinha de trabalhar e descobri enquanto que poderia ser uma professora, na época era uma profissão muito bem vista na sociedade, parecendo até que seria a profissão mais bem remunerada.

A professora Abigail após se casar e com muito esforço continuou os estudos e com muito esforço conseguiu cursar a graduação e continuou trabalhando, “*Trabalhar estudar e se casada não é fácil*”, mudou-se depois para Mato Grosso onde continua trabalhando até hoje na docência, nunca trabalhou em outro lugar e nunca pensou em sair desta profissão.

Narrando ainda sobre as dificuldades durante o curso:

Foi a distância, uma vez que não teve a oportunidade de morar numa cidade que tivesse oferta de curso superior. Quando de sua primeira graduação, tinha de percorrer 23 km de estrada de chão e 63 km de asfalto; saíam do curso às 16h00min e retornavam para casa às 02h00min tendo de trabalhar o dia todo no dia seguinte. Quando da segunda graduação também cursou em uma cidade e trabalhava em outra, à 50 km de distância, sendo os dois cursos Letras e Pedagogia, e a pós-graduação em Psicopedagogia, cursada no município vizinho.

Percebemos que o professor Vanildo sempre teve interesse em cursar o ensino superior, porém não tinha em vista o que seria, após receber uma proposta de emprego optou em cursar licenciatura em pedagogia, “*Concluído o ensino médio, em pouco tempo passei a cursar o ensino superior numa faculdade privada da cidade vizinha*”. Como não havia muitos professores naquela época, assim que o professor Vanildo concluiu o ensino médio começou a lecionar na escola do campo onde havia estudado o ensino fundamental.

Uma vez que eu já estava atuando na educação enquanto professor iniciei o curso superior a convite do secretário de educação do município. Terminei o ensino básico e já havia começado a atuar, lecionando na Educação de Jovens e Adultos.

Realizou a graduação e logo depois uma pós-graduação em Educação Infantil, que é a modalidade de ensino a qual ele mais gosta.

O professor pontua como uma dificuldade ao longo do período em que cursou o ensino superior o fato de residir novamente na zona rural e já ser casado, ter filho, a distância para ir para faculdade, mas no mais ressalta que foi tudo tranquilo.

A professora Adriana, assim como a professora Abigail, concluiu o ensino médio juntamente com o magistério sendo sempre muito estudiosa em seu primeiro concurso foi aprovada, e nos relata os desafios que teve no decorrer do seu ensino superior:

Quanto à graduação, por ter concluído o ensino médio com magistério e ter feito concurso para professora e tendo sido aprovada, iniciou então a graduação em



pedagogia, se locomovendo 30 km de ônibus todas as noites após um dia de trabalho; ressalta que foi bem desafiador devido à distância e falta de livros na época.

Não se sentindo satisfeita realizou ainda uma pós-graduação em Educação Especial, realizada na modalidade à distância.

Trabalhar com a estratégia de metodologias orais, pode nos proporcionar um sentimento de estar vivenciando a história do entrevistado, pois muitas vezes para o pesquisador, apenas documentos escritos não são o suficiente para proporcionar a realização do trabalho, evidenciar os detalhes históricos para garantir a veracidade dos fatos. Dessa forma, é preciso fazer a apropriação da História Oral para que o leitor tenha uma melhor compreensão da história. De acordo com Alberti:

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (Alberti, 1990, p. 4).

Alberti nos mostra que a utilização das narrativas de memórias contribui para pesquisa a curto e longo prazo, podendo ser utilizado como documento da atualidade e futuramente como história antiga, conforme a citação, centraliza na memória humana e sua capacidade de lembrar o passado.

4.3 Trajetória Profissional

Como já vimos, as duas professoras Adriana e Abigail fizeram o ensino médio com o magistério e não param apenas nele, sentiram necessidade de formação, optando assim pelo ensino superior e pós-graduação.

Em relação ao trabalho docente com o magistério, professora Adriana ressalta,

Quando possuía apenas o magistério, atuava conforme o aprendizado em magistério e tornava minhas aulas uma réplica das aulas que eu tive, e que com a graduação em pedagogia senti mais confiante para estar atuando em sala de aula, criava minhas próprias aulas e minhas metodologias. Creio que isto ocorreu pois na Universidade havia uma grande troca de conhecimento, onde contávamos nossas experiências.

Ela ressalta que o trabalho com o magistério na época era de caráter bem assistencialista, “não havia muito o pedagógico, era bem tradicional apenas o cuidar”.

Ainda sobre os desafios ao longo do exercício da profissão, ela pontua que foi aceitar que na docência não se pode agir como se aprendeu, mecanicamente, só com o teórico, mas sim na prática trazer o lúdico, fazer com que o aluno realmente aprenda.

Segundo Souza e Abrahão (2006), as narrativas podem ser tidas como ferramentas de e para a formação, uma vez que se considera que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens e experiências quando vive, simultaneamente, os papéis de ator investigador da sua própria história.

Em relação às transformações pelas quais a educação tem passado, a professora Adrian relata que foram grandes as mudanças, onde:

Hoje os alunos têm mais liberdade de se expressar, podem aprender através do brincar, através do trabalho com a fonética, e que não se sentem mais forçados a ir à escola como antigamente na educação tradicional: hoje a criança gosta de ir para a escola.

Desta forma, as abordagens das narrativas constituem estratégias pertinentes e férteis para que se compreendam os espaços escolares, bem como a cultura do sujeito em formação. Sobre o início da docência, a professora Abigail nos conta que ocorreu:

Aos 16 (dezesseis) anos de idade fui convidada a trabalhar numa fazenda atendendo a uma turma multisseriada, onde os desafios eram grandes, embora a equipe de trabalho fosse muito boa, aonde a coordenação e a equipe da diretoria ia à fazenda a cada quinze dias vistoriar desde o material didático até o material das crianças, onde não se permitia palavras escritas erradas nos cadernos dos alunos. Tal questão era muito cobrada tudo era feito no intuito de que não houvesse estes erros, onde um trabalho de correção era realizado previamente. Havia ainda a importância do período preparatório onde o aluno devia estar ok com a coordenação motora delas.

Importante frisar que numa escola onde há certo trabalho coletivo no enfrentamento a estes desafios, tal prática reforça a ideia da escola enquanto espaço relacional e a necessidade de se cultivar o diálogo, ao mesmo tempo em que se reforçam as aprendizagens sobre o conhecimento prático.

Sobre o porquê se cursar o ensino superior, Abigail ressalta dois objetivos:

Assegurar uma vaga de trabalho e por achar uma graduação não só em questão de remuneração, mas faz da pessoa alguém com mente aberta e que vê de forma diferente o mundo. Até sobre a concorrência no trabalho uma graduação ajuda muito, hoje em dia tem-se profissionais com até duas ou três graduações.

Quando do início da atuação como professor Vanildo, nos diz que foi algo bem surpreendente, algo que ele não esperava:

Surgiu a oportunidade uma vez que um professor de uma escola da zona rural havia desistido e neste sentido como sempre fui um bom aluno com as médias altas fui convidado a lecionar naquela escola. Após concluir a graduação vi muita diferença em minha própria prática docente, onde pude me embasar mais nas teorias, levando-as à prática, num cotidiano do trabalho escolar mais facilitado e fundamentado.

Enquanto desafios da profissão, ele pontua que já na primeira turma que lecionou, a prática em sala de aula não foi de todo fácil uma vez que a turma contava com altos índices de indisciplina e isto dificultava as aulas:

Por se tratar de uma turma multisseriada, a situação meio que se agravou neste sentido; era uma sala de 3ª série, mas que continha alunos de até 14 (catorze) anos; alunos, embora tenha dito estes desafios logo no início, foram superados.

Estas pontuações que o professor faz revelam as contradições presentes no exercício da docência, desvelando maneiras diferentes de viver os contextos em que os professores atuam, marcados, para além de suas práticas, por pessoas, lugares, tempos e sentimentos de vida (Ferrarotti, 2014).

As situações de dificuldade ao longo da docência, tornam-se, para alguns, um desafio, conduzindo à problematização e à tentativa de resolução dos problemas, passando a ser potencializadores do desenvolvimento profissional. Todos os professores têm memórias marcantes de dentro da sala aula, memórias que deixaram uma marca especial e suas vidas que eles fazem questão de nos contarem.

Em relação aos pontos positivos, o professor Vanildo ressaltou que “*todas as turmas em que já lecionou tem aquelas crianças que possuem alguma dificuldade e o ponto positivo é o professor vencer aquela dificuldade*”. Observou ainda como mudanças mais significativas na docência o surgimento e intensificação das tecnologias na educação. Como exemplo citou a substituição do mimeógrafo, “*onde hoje em dia tudo é muito facilitado*”. Reforça que o ser professor para ele é uma coisa fantástica:

Ao mesmo tempo em que a pessoa vê essa importância do ser professor, ainda mais considerando que atua na área da educação infantil, que é o momento onde as crianças estão criando sua personalidade, o profissional vê também a responsabilidade e comprometimento que se deve ter com a educação destas crianças.

Ressalta ainda como é ser homem na educação infantil:

Já atuo na educação infantil há seis anos, e no começo os pais tiveram certo tipo de receio quanto a isso, onde diziam: “Nossa, um professor homem na educação infantil!”, mas hoje já veem que não se influencia em nada esta questão, não há nada de diferente nisto, em ser homem na educação infantil; hoje já é bem aceitável, embora no início da docência tenha tido algumas rejeições de alguns pais.

Por outro lado, a imersão na escola e o diálogo com as experiências de se trabalhar de forma colaborativa num contexto marcado por desafios e possibilidades, nos faz perceber enquanto pesquisadores, que a opção metodológica pela narrativa de memória, nos posiciona em contato direto com algumas de nossas concepções, uma vez que a relação dialética revelada pela pesquisa vai além das experiências individuais e coletivas. Esta relação vem se constituir a partir das características mais amplas do contexto que se observa.

Os maiores desafios na docência, segundo a professora Abigail, são quando o professor adentra uma sala e 90%, a maioria da turma não gostaria de estar ali, gostaria

de estar em outro lugar, o que causa estresse ao professor e faz com que ele tenha que mudar o que foi planejado e torna-se preocupante. Ressalta:

Ainda que não é de todo desanimador, uma vez que se percebe ali um percentual de dez alunos a cada vinte ou trinta que estão correspondendo ao que se espera, aos objetivos. Os desafios da docência, o maior é quando alunos não querem aprender, não querem fazer nada e ainda desrespeitam o professor, onde este não pode fazer nada no momento, apenas ouvir e ver as ações que podem ser tomadas depois.

Continua sua narrativa sorrindo e nos falando de algo que marcou positivamente ao longo de sua carreira:

Quando da felicidade que um professor tem quando este vê um ex-aluno dele terminando uma graduação, atuando já na sociedade, independentemente da profissão, é bem satisfatório. Outro ponto gratificante é perceber que os alunos que desde o sexto ano estão sempre a frente, não dando trabalho, dando rendimentos são estes que estão depois atuando na sociedade.

Acerca das mudanças mais perceptíveis na educação, ela ressalva a facilidade, o acesso à escola, aos materiais didáticos, as condições financeiras familiares melhores, as tecnologias, e reforça que tais mudanças permeiam um cenário um tanto preocupante, onde se continuar da forma como está não se sabe onde irá parar, tamanhos desafios impostos.

Sobre situações marcantes na docência, da professora Adriana ela nos relata que logo no início da profissão, teve uma turma de educação infantil:

Tinha cerca de 40 (quarenta) alunos. Tive bastante dificuldade por ser no início da carreira e havia pessoas que tentavam tirá-la da turma por não ser formada, ter apenas o magistério e quanto a isso sabia que o magistério realmente não proporciona todo o embasamento para a docência, não é igual uma graduação. Foi um período muito desafiador e que foi vencido graças ao apoio que tive da mãe, também professora.

Num aspecto positivo, ela relata que houve uma turma na qual lecionou no início da profissão que “nenhum professor queria, vários professores assumiram esta turma e desistiam logo após, alegando que ninguém conseguiria”, e que ela assumiu a docência nesta turma e, embora fossem grandes os desafios, “através do lúdico conseguiu cativar os alunos daquela turma e fazer dar certo”. Houve uma melhora muito grande no comportamento da turma, facilitando o aprendizado daqueles alunos.

Vimos que elas podem ser vistas como maneiras de se relatar os processos de emancipação que marcam nossos percursos pessoais e ao mesmo tempo desvelam enraizamentos sociais, dando luz a possibilidades de referência para um futuro mais coerente com os tempos em que vivemos, marcados por desafios.

A cerca destes desafios questionamos os professores sobre O que é ser professor (a), todos param alguns minutos para refletir e assim concluir suas falas,

percebemos naquele momento que nenhum deles há muito tempo não pensava sobre o assunto.

Sobre o que é ser professora, para professora Abigail nos narra:

É compartilhar um pouco da sua vida com o ser humano, não é apenas abrir um livro didático e conduzir um conteúdo. É ver e ter todo um aspecto afetivo nesta profissão, o fato de o professor estar sempre fazendo parte da vida do aluno, oriundos ou não do convívio familiar e onde o professor tem de ser muito forte e eficiente em lidar com estas situações, além de sua função que é mediar o conhecimento e ajudar os alunos a desenvolver sua aprendizagem.

Como respaldo a estas colocações da professora, temos em Estrela (2001), que a docência constitui uma profissão, atividade remunerada e socialmente reconhecida, que se reveste de um conjunto articulado de saberes, saberes-fazer e atividades.

Neste sentido, a escola é o espaço onde as reflexões individuais, sejam na prática ou relacionadas à prática, tais reflexões são discutidas e compartilhadas, no intuito de promover-se o desenvolvimento de processos colaborativos e coletivos de investigação-ação, onde os indivíduos podem transformar suas aprendizagens em intervenções que as incorporem, em aprendizagens significativas. Como bem expressa Souza (2006),

A crescente utilização da pesquisa narrativa em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em diferentes tempos [...] permitem adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações de professores sobre a identidade profissional, os ciclos de vida e, por fim busca entender os sujeitos, os sentidos e as situações do contexto escolar (SOUZA, 2006, p. 136).

Ser professor para a professora Adriana:

Não saber tudo, e ter a convicção de que nunca irá saber tudo, mas instigar no aluno o desejo de estudar, de buscar a literatura, o seu aprendizado. O professor é mediador disso, é o que motiva e facilita todo este processo, que quer que o aluno sempre busque seu aprendizado em sua vida.

Com a análise destas narrativas, ressaltamos que o desenvolvimento da identidade profissional não pode ser tido apenas como um processo linear. Tal processo engloba lutas e conflitos, bem como construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Conforme Nóvoa (1992; 1995), o processo de desenvolvimento do sentimento de pertença e da identidade do profissional da educação acontece, onde cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e de sua história profissional, reconstruindo identidades, para assimilar mudanças, novas perspectivas e inovações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições da presente pesquisa em educação se darão aqueles que compreenderem que o processo reflexivo potencializado por narrativas orais, no decorrer do processo de formação de professores, sugere que a reflexão perpassa pelo conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, onde suas reflexões e a disposição dos objetivos e estratégias de ensino se fazem presentes.

A fim de que os saberes necessários a uma efetiva prática docente sejam construídos de fato ao longo do processo, faz-se necessário que esse conjunto de diferentes aspectos da educação seja ordenado em uma ação educativa que envolva a relação pedagógica entre professores e alunos, pautadas nas contribuições advindas das vivências e experiências docentes, mas que também valorizem e potencializem as trajetórias identificadas em sala de aula.

Com a presente pesquisa, percebemos nas experiências apresentadas pelas narrativas de memória do professor Vanildo, da professora Adriana e Abigail, se tornou referência para nós enquanto pesquisadores deste tema, a importância deste diálogo, bem como a questão relacional, tanto na pesquisa narrativa quanto no entendimento da profissão docente. Tal concepção advém de acreditarmos que devemos repensar como nos relacionamos com as outras pessoas, na busca de construir autonomia e compromisso profissional.

Partindo das perguntas realizadas ao longo desta pesquisa, sobre como os professores que atuam no primeiro ciclo e na educação infantil significam e ressignificam o trabalho docente, bem como suas experiências vividas na docência são percebidas, narradas, e como explicam a relação destas com o processo de aprender a ensinar, passamos a viver junto este processo, buscando estudar o desenvolvimento profissional docente. Tal busca só é possível, vale ressaltar, tomando a experiência profissional como significadora, emancipatória de saberes, valorizando os saberes narrativos, contando e recontando histórias narrativamente. Neste sentido, enfatizando ainda e principalmente sua dimensão temporal e relacional, em prol de práticas de formação e investigação que se constituem socialmente mais justas e que promovem de fato transformações educacionais significativas (Zeichner, 2009).

A reflexão sobre o currículo apresentado e construído ao longo da prática docente, sobre a instituição e seus desafios, bem como sobre a profissão docente, é potencializada por meio das narrativas orais. Dessa forma, compreendemos que a análise de narrativas orais tem amplas possibilidades no campo da pesquisa educacional e da prática docente



em si. Tal prática pode se desdobrar em várias dimensões de análise, onde cada forma de se trabalhar estas narrativas propicia uma maior compreensão acerca dos fenômenos do processo educativo.

As narrativas orais, no contexto da formação de professores e no decorrer de suas práticas pedagógicas, têm o potencial de transformar e potencializar a forma como se dá cada um destes processos.

Dessa maneira, uma articulação entre teoria e prática, entre memórias, vivências e experiências profissionais para com as práticas docentes, através de estudos de narrativas apresenta grande potencial de desenvolvimento, e está somente no início, com um amplo leque de possibilidades de atuação e aprimoramento.

Enquanto seres humanos em diferentes momentos de nossa trajetória, interpretamos e narramos nossas experiências e as nossas vivências de acordo com valores e crenças. Estes valores e crenças, por sua vez, mudam de acordo com o tempo e o lugar que ocupamos na sociedade. Tal fenômeno nos faz perceber a potencialidade das narrativas no contexto educacional, o que se pode comprovar com a presente pesquisa e a análise das três narrativas de memória obtidas no processo empírico.

De acordo com Bruner (*apud* Galvão, 2005, p. 328), “é por meio de narrativas que nós organizamos nossa experiência diária e a nossa experiência de acontecimentos humanos [...]”. Quanto a isto, vivemos e contamos histórias sobre nossas vidas e experiências, mas como pesquisadores, utilizamo-nos de narrativas para descrever, construir e reconstruir histórias de vida, de acordo com um modelo interpretativo dos acontecimentos, como fizemos neste trabalho.

Para uma educação fortalecedora de identidades profissionais, a análise das vivências individuais e maneiras de agir na resolução de conflitos, a narrativa de memórias, tornam estes processos educativos significativos e que contribuem sobremaneira para a compreensão da realidade e a atribuição de significados, articulando escola, corpo docente e coletivo de alunos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: **Simpósio Nacional de História** (22.: João Pessoa, PB). Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003.



ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tania Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **História oral**: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

ALBERTI, Verena. **História Oral**: A Experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. 1989

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ARROYO, M.G. **Ofício de Mestre**: imagens e auto-imagens. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V.M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1989.

BELTRÃO, Isabel do Socorro Lobato; GONZAGA, Amarildo Menezes; BARBOSA, Irecê dos Santos. Narrativas de Professores: Um Estudo Investigativo na Educação Matemática em Parintins/AM. **ETD – Educ. Temat. Digit.** Campinas, SP, v.18, n.2 p. 332-351, Abr./jun.2016.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BURKE, P.; PORTER, R. **História social da linguagem**. São Paulo: Unesp, 1997.

BAMBERG, M. **Narrative development**: six approaches. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1996.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CPDOC. O que é História Oral. CPDOC/FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2015. In: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. acesso em: 29 abr. 2024.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Educacional**: teoria, método e criatividade. Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org.). 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ESTRELA, Maria Tereza. Questões de profissionalidade e profissionalismo docente. In: TEIXEIRA, M. (Org.). **Ser professor no limiar do século XXI**. Porto: ISET, 2001. p. 113-141.



FALCÃO, Elenize Vieira. A Formação Continuada de Professores: Possíveis Contribuições Das Narrativas Compartilhadas. **Revista de Educação do Vale do Arinos** - RELVA, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 36–47, 2020.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**. O método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.

FREITAS, M. T. M. **A escrita no processo de formação contínua do professor de matemática**. 250p. Tese (Doutorado em Educação: Educação Matemática)- FE, Unicamp, Campinas, 2006.

GALVÃO, Cecília. **Professor**: o início da prática profissional. 1998. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa (POR), 1998.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciências & Educação**, Bauru, SP, v. 11, n. 02, p. 327-345. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/ZEGvkv>>. Acesso em: 27 set. 2018. ISSN: 1980-850X.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **ZETERIKÉ - Revista de Educação Matemática**, Campinas, SP, v. 11, n. 19, p. 09–56. jan./jun. 2003. Disponível em: <http://goo.gl/GO1GqA>. Acesso em: 07 set. 2018. ISSN: 2176-1744.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 143-155, junho 2006

GOODSON, Ivo F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto editora, 1995.

JOSSO, M.C.. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES DE OLIVEIRA, M.C.S.; VIEIRA, A.O.M. **Narrativas sobre a privação de liberdade e o desenvolvimento do self adolescente**. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 67-82, 2006.

LORTIE, D. C. **Schoolteacher**. A sociological study. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MIZUKAMI, M. G. N. Aprendizagem da Docência: Professores Formadores. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, n. 1, dez. 2005. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/3106/2046>>. Acesso em: 10 setembro 2018.



NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, António (Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Educação, formação de professores e suas dimensões sócio-históricas: desafios e perspectivas. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, maio/ago. 2011.

OLIVEIRA, Victor José Machado de; SILVA, Bruno Vasconcellos. Narrativas (auto)biográficas sobre o aprendizado da docência universitária na Educação Física. **Debates em Educação**. Maceió, Vol.15, Nº.1, Ano 2023. DOI: 10.28998/2175-6600.2023v15n37p1-19.e14176.

OLIVEIRA, Zilma *et al.* Construção da Identidade Docente: relatos de educadores de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v. 36, n. 129, p. 547-571, set./dez. 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do indizível ao divizível. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida** (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

REIS, P. **As narrativas na formação de professores e na investigação em educação**. NUANCES: estudos sobre Educação, 15(16), 17-34, 2008. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/174/244>. Acesso em: 02 maio 2017.

SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUSA, Elizeu Clementino de; ABRANHÃO, M. H. M. B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 135-147.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História Oral. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ZEICHNER, Kenneth. M. **Uma agenda de pesquisa para a formação docente**. Revista Brasileira de pesquisa sobre formação docente, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 13-40, ago./dez. 2009. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 12 out. 2018.

